

O TECIDO DO AMOR /

Há, nas *Cartas portuguesas* de Mariana Alcoforado, um trabalho que está para lá da criação literária e da invenção (ou não, caso Mariana tenha realmente existido) de personagens e situações. Esse trabalho está ligado à ideia de tecelagem: uma tecelagem amorosa, em que os dedos que serviram para o amor, e para a caligrafia de emoções que se inscrevem na pele dos amantes, vão compondo a superfície material de um tecido abstracto, fabricado no olhar que se alimentou da luz do Alentejo, para lá das grades do convento em que tudo se passou. Podemos inverter aqui a função do tecido: ele não veste, mas despe a alma que envolve; e essa alma, liberta de preconceitos e de censuras, oferece-se a uma imagem que procuramos, em vão, nas entrelinhas destas cartas. Que corpo teria Mariana? Como seria o seu rosto? De que cor eram os seus olhos? Empurrámos cada página, como se fosse uma cortina, em busca da resposta, e outra página cai, como nova cortina, para que a empurremos até chegar a esse fundo onde, de súbito, a luz ofuscante do amor cai sobre a planície, vestindo-a de uma humanidade que a transforma num corpo análogo ao de Mariana, sedento da humidade de lábios e de palavras que lhe restituam a vida.

Vesti-la, e cobrir a nudez da sua verdade absoluta com o véu do texto que procura uma resposta para o desejo que encheu de sentido a sua vida, pode ser um trabalho impossível: cada época procurou as suas respostas, desde o Romantismo que com ela se identificou até aos modernistas que a cobriram de ridículo, identificando-a com o provincianismo português. Mas é desta diversidade de leituras que nasce a inquietação de Mariana; e ao percorrer os

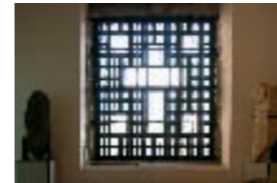
lugares em que ela terá vivido, como se algo aí permanecesse do que desaparece com cada ser no instante da sua morte – os sentimentos e as paixões de uma existência – tornamo-nos cúmplices do segredo que ficou fechado numa cela, onde nem um eco de murmúrios e confissões sobreviveu à tormenta dos séculos e dos homens. E se ela, no fundo, habitasse em cada um de nós? Podia então aceitar-se que, afinal, a autoria das cartas será realmente do francês Guilleragues – génio de um só livro, capaz de ter sentido na criação da sua freira a originalidade de um amor platónico carregado de erotismo. Mariana seria, assim, a parte feminina do mundo, um continente que nasce de cada exclamação e de cada suspiro, e em que tudo o que está ligado à parte amorosa do ser volta a ressurgir com a sua terrível carga de absoluto.

O apelo que sentimos na leitura destes textos não nasce apenas de um sentimento banal, decorrente do abandono da amada pelo amante; o que transparece nesta linguagem dos sentidos é, pelo contrário, a revolta e a insubmissão, e são estes os pólos fundadores de uma linhagem literária que irá encontrar nos libertinos do século XVIII a sua realização plena. Que seja uma portuguesa a apontar este caminho poderá, sem dúvida, parecer estranho a quem não conheça, da nossa literatura, as *Cantigas de amigo*, e mais tarde a *Menina e moça*, com a mesma intensidade de libertação de jugos e códigos sociais. Tudo é feito, porém, no espaço íntimo da confissão ou da confidência, onde a expressão do indizível nos torna cúmplices de uma revelação que é tanto mais pública quanto mais secreta.

O segredo da literatura consiste, precisamente, na capacidade de nunca se esgotar em qualquer leitura; e a verdade é que mesmo tendo lido ou ouvido repetidamente estas cartas, de cada vez elas são novas, fazendo com que a voz de quem as diz faça reviver os instantes de um amor que a partida do amante sepultou para sempre na insatisfação. Por isso nos tornamos cúmplices de uma queixa que se prolonga para lá dos séculos, mantendo viva essa pressão dos dedos sobre o papel, onde as palavras se inscrevem, fixando com a sua realidade afectiva o corpo debruçado sobre a mesa, imaginando os expedientes para fazer chegar a mensagem ao seu destinatário. Pouco importa, hoje, saber se ele as recebeu; e o que nasce de dentro das frases que organizam o desespero e a solidão de quem as escreveu é a imagem da monja enclausurada, e dos olhos que se perdem nas paredes da cela, onde o branco imutável da cal faz dela uma sepultada viva, para que partilhemos o seu esforço em libertar-se do destino a que o abandono a entregou.

Cristina de Melo acompanha esse destino ao tecer a imagem de Mariana, retirando-a da mortalha do tempo. Pode falar-se de uma mancha caligráfica que acompanha o bolor da paixão, e que os dedos da artista rasuram, deixando à vista o rosto abstracto da mulher solitária, entregue à impossibilidade do sonho que a percorre. Este renascimento é um trabalho paciente, como pacientes são as distâncias que envolvem a planície onde o seu olhar se perdeu, para sempre, deixando-nos no entanto o mais precioso legado de todos: o desejo de uma vida para além das contingências do ser.

/ NUNO JÚDICE



LE SECRET DE MARIANE – SUSPENSION 160 C

O SEGREDO DE MARIANA – SUSPENSÃO 160 C

exposition / exposição 18 . 05 . 2006 – 19 . 06 . 2006
du mardi au dimanche / terça a domingo 9 h 30 - 12 h 30 14 h - 17 h
fermé les lundis et jours fériés / encerramento segundas et feriados

Museu Regional de Beja

Largo da Conceição
7800 - 131 Beja
tel (00351) 284 32 33 51

Cristina de Melo

<http://www.cristinademelo.com>

CRISTINA DE MELO / O SEGREDO DE MARIANA / 18 DE MAIO - 19 DE JUNHO 2006 / MUSEU DE BEJA / PORTUGAL

Le Président de l'Assemblée Départementale de Beja
Le Conservateur du Musée Régional de Beja
ont le plaisir de vous inviter au
vernissage de l'exposition de

O Presidente da Assembleia Distrital de Beja
O Conservador do Museu Regional de Beja
têm o prazer de convidar V. Ex.ª para assistir à
inauguração da exposição de

CRISTINA DE MELO

Le secret de Mariane — Suspension 160 c

en collaboration avec le compositeur

O segredo de Mariana — Suspensão 160 c

em colaboração com o compositor

Gilles Sivilotto

qui aura lieu au Musée Régional de Beja
le 18 Mai 2006 à 18h30

en présence du poète

que terá lugar no Museu Regional de Beja
no dia 18 de Maio de 2006 pelas 18h30

Nuno Júdice



LE TISSU DE L'AMOUR /

Il y a, dans les *Lettres Portugaises* de Mariana Alcoforado, un travail qui dépasse la création littéraire et l'invention (ou non, à supposer que Mariane ait vraiment existé) de personnages ou de situations. Ce travail est lié à l'idée de tissage : un tissage amoureux où les doigts qui ont servi à l'amour, et à calligraphier les émotions qui s'inscrivent sur la peau des amants, composent peu à peu la surface matérielle d'un tissu abstrait, né d'un regard que la lumière de l'Alentejo a nourri, par-delà les grilles du couvent où tout a eu lieu. Nous pouvons inverser ici la fonction du tissu ; il n'habille pas mais déshabille l'âme qu'il renferme ; et cette âme, libérée de tous préjugés et reproches, s'offre à l'image qu'en vain nous cherchons à travers les lignes de ces lettres. Quel corps pouvait avoir Mariane ? À quoi ressemblait son visage ? De quelle couleur étaient ses yeux ? On tourne une page, comme on écarte un rideau, à la recherche d'une réponse, et aussitôt une autre surgit, comme un nouveau rideau à écarter, jusqu'à ce que le fond apparaisse où, soudain, la lumière éblouissante de l'amour tombe sur la campagne qui, revêtue d'humanité, se transforme en un corps analogue à celui de Mariane, avide de lèvres humides et de mots capables de lui redonner vie.

Habiller son corps, couvrir la nudité de sa vérité absolue avec le voile du texte qu'elle écrit en réponse au désir qui a donné un sens à sa vie, peut s'avérer impossible : à chaque époque on a cherché des réponses, depuis les romantiques qui se sont identifiés à elle jusqu'aux modernes qui l'ont couverte de ridicule, raillant son provincialisme portugais. Mais c'est de cette diversité de lectures que naît l'inquiétude de Mariane ; et en parcourant

les lieux où elle a pu vivre, comme si quelque chose y demeurerait encore de ce qui disparaît avec les êtres au moment de leur mort — les sentiments et les passions d'une vie — nous devenons complices du secret enclos dans une cellule où pas le moindre écho de murmures ou de confessions n'a survécu à la tourmente des siècles et des hommes. Et si, finalement, elle habitait en chacun de nous ? L'on pourrait alors admettre que ces lettres aient vraiment été écrites par le Français Guilleragues — génie d'un seul livre, capable de sentir dans l'imaginaire de sa religieuse l'originalité d'un amour platonique chargé d'érotisme. Mariane serait alors la part féminine du monde, un continent qui naîtrait de chaque exclamation et soupir, et dans lequel tout ce qui est lié à la part amoureuse de l'être ressurgirait avec sa terrible charge d'absolu.

L'appel que nous entendons en lisant ces textes n'est pas seulement l'expression d'un sentiment banal, né de la douleur d'une femme abandonnée par son amant ; ce qui transparait au contraire, dans ce langage des sens, c'est la révolte, l'insoumission, et nous avons là les pôles fondateurs d'une lignée littéraire qui trouvera chez les libertins du XVIII^e siècle sa pleine réalisation. Qu'une femme puisse ouvrir cette voie pourra sans doute paraître étrange à ceux qui ne connaissent pas, dans la littérature portugaise, les *Cantigas de amigo*, et plus tard *Menina e moça*, où l'on retrouve, avec la même intensité, une libération des jougs et des codes sociaux. Tout se passe, néanmoins, dans l'espace intime de la confession ou de la confidence, où l'expression de l'indicible nous rend complices d'une révélation d'autant plus publique qu'elle est secrète.

Le secret de la littérature consiste précisément à ne jamais se laisser tarir par une lecture ou une autre ; et il est vrai qu'à chaque fois que j'ai lu ou entendu ces lettres, elles m'ont semblé nouvelles, et que la voix qui les lisait faisait revivre en moi les instants d'un amour que le départ d'un amant a enseveli à jamais dans l'insatisfaction. Pour cette raison, nous devenons complices d'une plainte qui se prolonge par-delà les siècles, et qui maintient vivante la pression des doigts sur le papier où les mots s'inscrivent, fixant avec leur réalité affective, le corps penché sur la table imaginant des expédients pour faire parvenir le message à son destinataire. Il importe peu, aujourd'hui, de savoir si ces lettres ont été reçues ; et ce qui naît à l'intérieur des phrases structurant le désespoir et la solitude de celui ou celle qui les a écrites, c'est l'image de la religieuse cloîtrée dans sa cellule, le regard perdu sur des murs recouverts de chaux dont le blanc immuable en fait une ensevelie vivante, nous faisant partager son effort pour se libérer du destin que l'abandon lui a assigné.

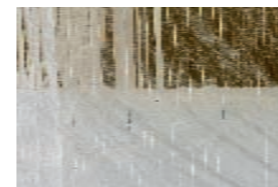
Cristina de Melo accompagne ce destin en tissant l'image de Mariane. Elle ôte le linceul du temps qui recouvre son corps. On pourrait parler d'une tache calligraphique se mêlant aux moisissures de la passion, et que les doigts de l'artiste effacent pour faire apparaître le visage abstrait de la femme solitaire, prisonnière de l'impossible rêve qui l'obsède. Cette renaissance est un travail patient, comme le sont les distances qui entourent la campagne où le regard de Mariane s'est perdu à jamais, nous laissant cependant le plus précieux des legs : le désir d'une vie au-delà des contingences de l'être.

/ NUNO JÚDICE

LE SECRET DE MARIANE – SUSPENSION 160 C

O SEGREDO DE MARIANA – SUSPENSÃO 160 C

une installation in situ de / uma instalação in situ de **CRISTINA DE MELO**
avec une création sonore de / com uma criação sonora de **GILLES SIVILOTTO**
CD Livret bilingue édition Lisières / CD Livrete bilingue : <http://lisières.com>



traduction / tradução

Cristina de Melo

photographies / fotografias

Laurent Brunet & Cristina de Melo

graphisme / grafismo

laurentbrunet2003@free.fr

impression / impressão

imprimerie du Commerce à Quimper



CRISTINA DE MELO / O SEGREDO DE MARIANA / 18 DE MAIO - 19 DE JUNHO 2006 / MUSEU DE BEJA / PORTUGAL

